



CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**

Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Cadernos de iniciação científica: trabalhos premiados na 16ª Jornada

Organização

Eliane Vasconcellos

Laura do Carmo

Tânia Dias

RIO DE JANEIRO

2023

Fundação  Casa de Rui Barbosa

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministra da Cultura
Margareth Menezes

Fundação Casa de Rui Barbosa

Presidente
Alexandre Santini

Preparação
Felipe Cotrim | Tikinet

Diretor Executivo
Alexandre Domingues

Revisão
Lucas Giron | Tikinet

Diretor do Centro de Pesquisa
Marcelo Gantus Jasmin

Capa
Nicole de Abreu

Diretora do Centro de Memória e Informação
Maria Luisa Soares

Diagramação e Interatividade
Nicole de Abreu | Tikinet

Chefe do Setor de Editoração
Benjamin Albagli Neto

Projeto Gráfico baseado em leiaute
original de Celeste Ribeiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C122 Cadernos de Iniciação Científica [recurso eletrônico]: trabalhos premiados na
16ª Jornada / organização Eliane Vasconcellos, Laura do Carmo, Tânia Dias. –
Rio de Janeiro : Fundação Casa de Rui Barbosa, 2023.
11,2 Mb ; PDF (59 p.) – (Cadernos de Iniciação Científica)

ISBN 978-65-88295-24-3

1. Iniciação científica. I. Vasconcellos, Eliane, *org.* II. Carmo, Laura do, *org.*
III. Dias, Tânia, *org.* IV. Jornada de Iniciação Científica (16. : 2021 : Rio de Janeiro, RJ).

CDD 001.2

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX

Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII

Vinicius Steidle

Apresentação

Os *Cadernos de iniciação científica* de 2021 são compostos por dois excelentes trabalhos entre os que foram apresentados durante a 16ª Jornada de Iniciação Científica, que se realizou no dia 8 de outubro de 2021, das 10h às 17h, via Google Meet.

O principal objetivo da jornada é divulgar os resultados das pesquisas concluídas ou em processo, sempre sob a supervisão de orientadores, que são pesquisadores ou tecnólogos da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), integrantes do Centro de Pesquisa e do Centro de Memória e Informação. A jornada atende ainda a um dos requisitos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para a concessão de bolsas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (Pibic).

A apresentação dos bolsistas é acompanhada de uma avaliação acadêmica por meio de arguição oral, feita pelos avaliadores externos. Em 2021, contamos novamente com a generosa e competente participação de Cláudia Gurgel, do curso de direito da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), e de Marcelo dos Santos, do curso de letras da Unirio. Por terem analisado projetos e apresentações no ano de 2020, esses professores tiveram visão privilegiada do desenvolvimento das pesquisas e, sobretudo, do amadurecimento de alguns bolsistas. A partir da análise dos membros externos e do Comitê Institucional, composto pelas autoras desta apresentação, são indicados trabalhos que se destacaram, sugerindo-se a sua publicação nos *Cadernos*.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do
século XIX
Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o
português nas negociações econômicas
na região mineradora, século XVIII
Vinicius Steidle

Os trabalhos aqui publicados e os resumos (disponíveis nos Anais da 16ª Jornada de Iniciação Científica da FCRB)¹ ilustram a relevância dessa modalidade de bolsa e a seriedade com que o Programa de Iniciação Científica (PIC-FCRB) é conduzido pelos orientadores e pelo comitê. Como se pode notar nas referências contidas nesses textos, os trabalhos de outros bolsistas e de textos oriundos dos projetos são constituidores de saber e produção acadêmica acumulados e oferecidos a leitores interessados nos temas.

Dentre os 14 bolsistas que participaram desta jornada, dez receberam bolsa do CNPq, dois da FCRB e um da Faperj. Contamos ainda uma estudante com participação voluntária.

Esta publicação é especial também por ser a última elaborada por este comitê. Eliane Vasconcellos esteve no programa desde a sua criação, em 2005, Tânia Dias, desde 2012, Laura do Carmo, desde 2015. Alegramo-nos com as entrevistas, a chegada dos bolsistas, a leitura dos relatórios e os contatos virtuais (especialmente durante o período da pandemia) e pessoais, pelos corredores e jardim da FCRB. Movemo-nos intensamente para manter o programa, apesar da falta de compreensão da gestão FCRB 2019-2022 acerca da relevância do programa para a formação de novos pesquisadores, a consecução de importantes projetos, a renovação e divulgação do conhecimento científico, o cumprimento da missão institucional. Apesar dos empecilhos, como resultado desse esforço e entusiasmo, a FCRB obteve a renovação de

¹ Os resumos expandidos da 16ª Jornada de Iniciação Científica da FCRB podem ser consultados em: <<https://www.gov.br/casaruibarbosa/pt-br/atuacao/pesquisa/Anais16aJornadaICFCRB8out2021.pdf>>.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do
século XIX
Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o
português nas negociações econômicas
na região mineradora, século XVIII
Vinicius Steidle

12 bolsas do Pibic-CNPq, cujo encaminhamento vem sendo continuado com seriedade por novo Comitê Institucional. Que venham outras jornadas, que venham sempre estudantes.

O Comitê Institucional

Eliane Vasconcellos

Laura do Carmo

Tania Dias

Rio de Janeiro, novembro de 2022.

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX
Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII
Vinicius Steidle

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX

Júlia Sousa Costa¹

O presente artigo é dedicado à pintura pompeiana na perspectiva dos estudos sobre a sua aplicação na decoração das casas das elites no Rio de Janeiro do século XIX, no âmbito do projeto “A Casa Senhorial em Portugal, Brasil e Goa: anatomia de interiores”.

A partir do século XVIII, observa-se a introdução desse estilo de pintura parietal em casas e palacetes em Portugal, chegando ao Brasil no século seguinte. Diante disso, Bourdieu atesta que esses universos simbólicos aparentemente encantadores, cercados por arte e religião, com frequência servem de legitimação camuflada para relações bastante “intramundanas” de dominação.²

O artigo comenta casas de duas famílias brasileiras, os marqueses e barões do Paraná, e o barão de Nova Friburgo, a partir da análise de documentos e pinturas, e coloca em perspectiva dois palacetes portugueses introdutores desse motivo em Lisboa.

Na fazenda Lordello, a atuação dos barões do Paraná no processo de modificação e apropriação da casa conta com cartas, de próprio punho, trocadas entre o profissional

¹ Graduanda da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) na Fundação Casa de Rui Barbosa no âmbito do projeto “A Casa Senhorial em Portugal, Brasil e Goa: anatomia de interiores”, orientado por Ana Pessoa.

² BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**

Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação

As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX

Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII

Vinicius Steidle

Pedro Paulo Prevot e o barão do Paraná para prestação de serviços decorativos. Nelas, discute-se o uso de oito desenhos a serem utilizados na decoração, advindos de um tratado pompeiano guardado na Biblioteca Nacional.

Buscando contextualizar esse partido decorativo, utiliza-se também o palácio Nova Friburgo, atual Museu da República, como referência importante devido não só à qualidade do trabalho de pintura decorativa que abriga, mas também ao fato de ser um patrimônio arquitetônico e político brasileiro. A transcrição de recibos, folhas de pagamentos e pedidos de compras datados de 1865 a 1867, durante sua construção, buscam enriquecer o artigo, visto que o palácio abriga uma sala totalmente dedicada ao estilo pompeiano com pinturas parietais de Emilio Bauch.

Esse conjunto documental permitiu a articulação da narrativa sobre a pintura pompeiana em torno de três temas: a família Carneiro Leão e a fazenda Lordello; referências de palacetes lusitanos e seus pintores; e o palácio Nova Friburgo/Museu da República, com sua Sala Pompeiana.

O ciclo do café configurou-se como um sistema econômico e social, desenvolvido ao longo do século XIX, especialmente às margens do rio Paraíba do Sul. Em seu auge, permitiu o surgimento de grandes proprietários e a consolidação de alguns comportamentos importantes para estabelecer distinção social.

A família Carneiro Leão tem origem portuguesa, no Porto. Estabeleceu-se no Brasil na metade do século XVIII de forma predominante em Pernambuco, mas também no

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação

As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX

Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII

Vinicius Steidle

Rio de Janeiro e em Minas Gerais. Em 1801, Honório Hermeto Carneiro Leão nasceu na Vila de Paracatu do Príncipe, em Jacuí, Minas Gerais, fruto do casamento entre o militar Nicolau Antônio Carneiro e dona Joana Severina Augusta.

Honório Hermeto Carneiro Leão formou-se em Coimbra e seguiu carreira na magistratura e na política. Exerceu diferentes cargos, como membro do Conselho de Estado e presidente da província do Rio de Janeiro, em 1841, e da província de Pernambuco. Em 1853, esteve à frente do governo, no chamado Gabinete da Conciliação, que o tornou um dos homens mais poderosos do país. Ele ocupava essa posição quando faleceu, em 3 de setembro de 1856. Pouco antes, ele havia recebido o título de visconde do Paraná (com grandeza) em 1852, pela condução de acordo de fronteira com o Uruguai, e, em 1854, o de marquês.³

Em 1836, Honório e sua esposa e prima, Maria Henriqueta, fundaram a fazenda Lordello, única propriedade remanescente da família até os dias de hoje. A morte precoce do marquês fez com que a marquesa viúva assumisse a administração da fazenda. Ela viveu sempre atenta à modernização e mecanização do café, entretanto levava uma vida austera, sem investimento em decorações e objetos de luxo.⁴

³ PESSOA, Ana. Notícias de uma fazenda de café, p. 101.

⁴ Ibid., p. 103.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação

As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX

Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII

Vinicius Steidle

O herdeiro da fazenda foi Henrique Hermeto, que receberia o título de barão de Paraná logo após a morte da mãe. Ao formar-se médico, em 1870, retornou à Lordello para clinicar nas proximidades e casou-se com Zeferina, terceira filha mulher do casal Marcondes Machado, a qual estudara no colégio da baronesa de Geslin, demonstrando talento especial para o canto, o desenho e a pintura, habilidades que desenvolveu até o fim de sua vida.⁵ A valorização das práticas artesanais e artísticas femininas amadoras deviam-se a sua contribuição na decoração do lar.⁶

O casal de barões do Paraná costumava passar longas temporadas no exterior. Sediados em Paris, visitavam outros países, frequentavam exposições e espetáculos musicais, acompanhavam a moda e se hospedavam em estações de águas, em busca de tratamentos de saúde para os dois. Zeferina e Henrique deixaram a fazenda Lordello mais compatível com seu gosto, realizando alterações notáveis na fachada e em seu interior (Figura 1). Essas alterações estavam alinhadas tanto às influências estrangeiras que os atravessavam em suas viagens, como ao papel favorável à socialização que os ambientes cumpririam. Também construíram e decoraram para si um palacete exuberante e bem decorado na rua Marquês de Abrantes, que se acredita ser onde viveram logo após o casamento.⁷

⁵ SANTOS, Ana Lúcia Vieira dos. Entre palmeiras e pincéis, p. 122.

⁶ PESSOA, Ana; SANTOS, Ana Lucia Vieira dos; FASOLATO, Douglas. Sobre decoração, baronesas e pincéis, p. 16.

⁷ PESSOA, Ana; SANTOS, Ana Lúcia Vieira dos. *Palacete Barões do Paraná*.

CADERNOS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação

As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX

Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII

Vinicius Steidle



Figura 1 – Fachada da fazenda Lordello. Fonte: projeto “A Casa Senhorial em Portugal, Brasil e Goa: anatomia dos interiores”.⁸

⁸ PESSOA, Ana. *Fazenda Lordello*.

CADERNOS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do
século XIX

Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o
português nas negociações econômicas
na região mineradora, século XVIII

Vinicius Steidle

Localizada no atual município de Sapucaia, a propriedade é a única casa remanescente da família Carneiro Leão e possui um partido que contempla muitos exemplares da casa rural brasileira: planta retangular com pátio central e ampla varanda, que serve como área de convívio íntimo e circulação entre cômodos. Seu esquema parietal decorativo adere ao terceiro estilo pompeiano ou estilo ornamental (Figura 2). A paleta compreende cores quentes como os vermelhos e os ocres nos fundos bidimensionais da zona central das paredes.

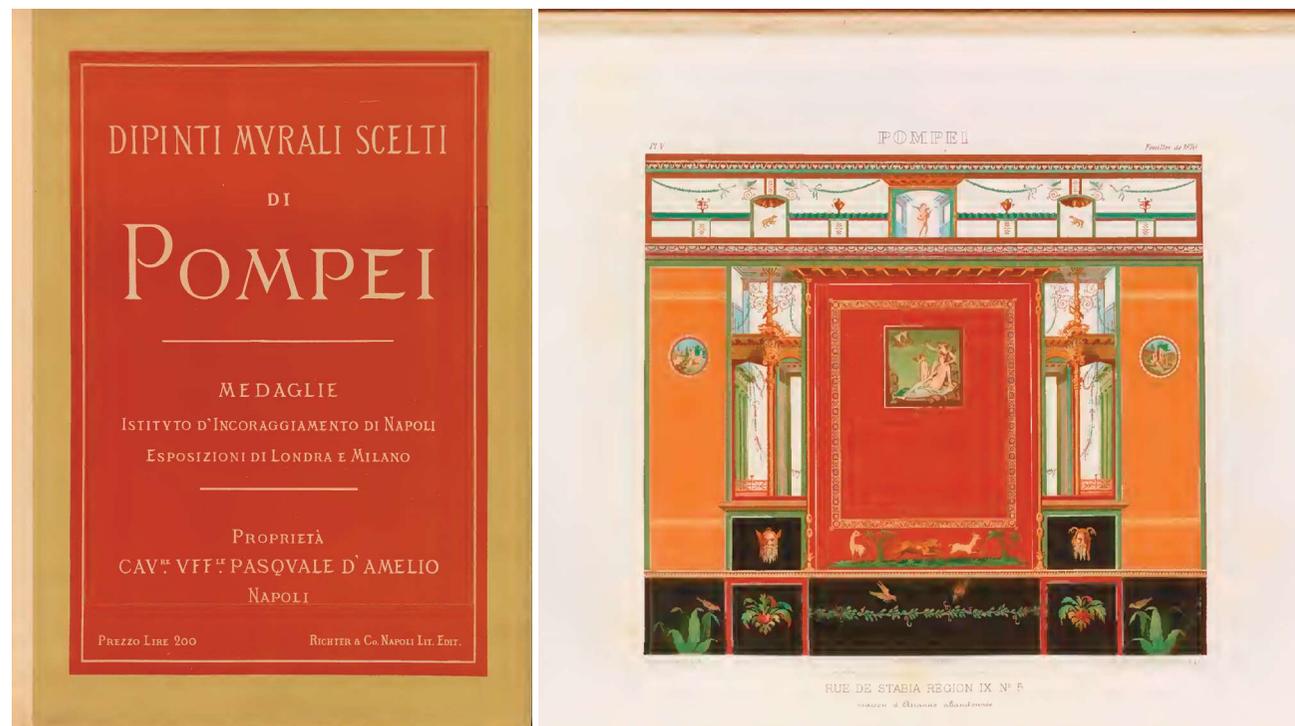


Figura 2 – Livro *Dipinti murali scelti di Pompei* com diversas composições de interiores do estilo pompeiano (à esquerda) e exemplo do terceiro estilo pompeiano contido no livro (à direita). Fonte: *Dipinti murali scelti di Pompei*.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX
Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII
Vinicius Steidle

Sobre a pintura decorativa no século XIX, pode-se ressaltar os movimentos revivistas que se expandiram por toda Europa até os finais desse século, evocando estilos do passado. Eles representaram um novo paradigma estético para construção, reforma e ornamentação das edificações, afirmação que pode ser feita devido ao crescimento bibliográfico progressivo de tratados e revistas de arquitetura doméstica e decoração de interiores. Essas edições estrangeiras direcionaram os trabalhos de arquitetos, pintores-decoradores e estucadores porque esclareciam para os clientes as regras e referências estéticas a serem seguidas. A aplicação desses modelos de composição buscava alcançar harmonia estética, de modo que os profissionais ornamentistas possuíam como recurso infinitos modelos de pintura com estuque. Observa-se, entretanto, a predominância de formas baseadas nas criações dos antigos gregos e romanos.⁹

A composição pompeiana na varanda da Lordello possui largo friso em sua zona superior com pintura de *stencil* formando frisos de palmeiras. As bordas e molduras do forro apresentam uma faixa com pintura monocromática, também em *stencil*, formando cercaduras lineares com acabamento de motivos constituídos de pequenos elementos côncavos. Na lateral existe uma divisão horizontal rígida com silhar estreito e uma zona central ampla, os dois apainelados. A moldura é composta por motivos pompeianos estilizados. Já na zona inferior encontra-se o preto na composição formando um silhar apainelado decorado com arabescos e ornatos vegetalistas (Figura 3).¹⁰

⁹ TOREM, Ana Claudia de Paula. Do manual à prática, p. 337.

¹⁰ Ibid.

CADERNOS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do
século XIX

Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o
português nas negociações econômicas
na região mineradora, século XVIII

Vinicius Steidle

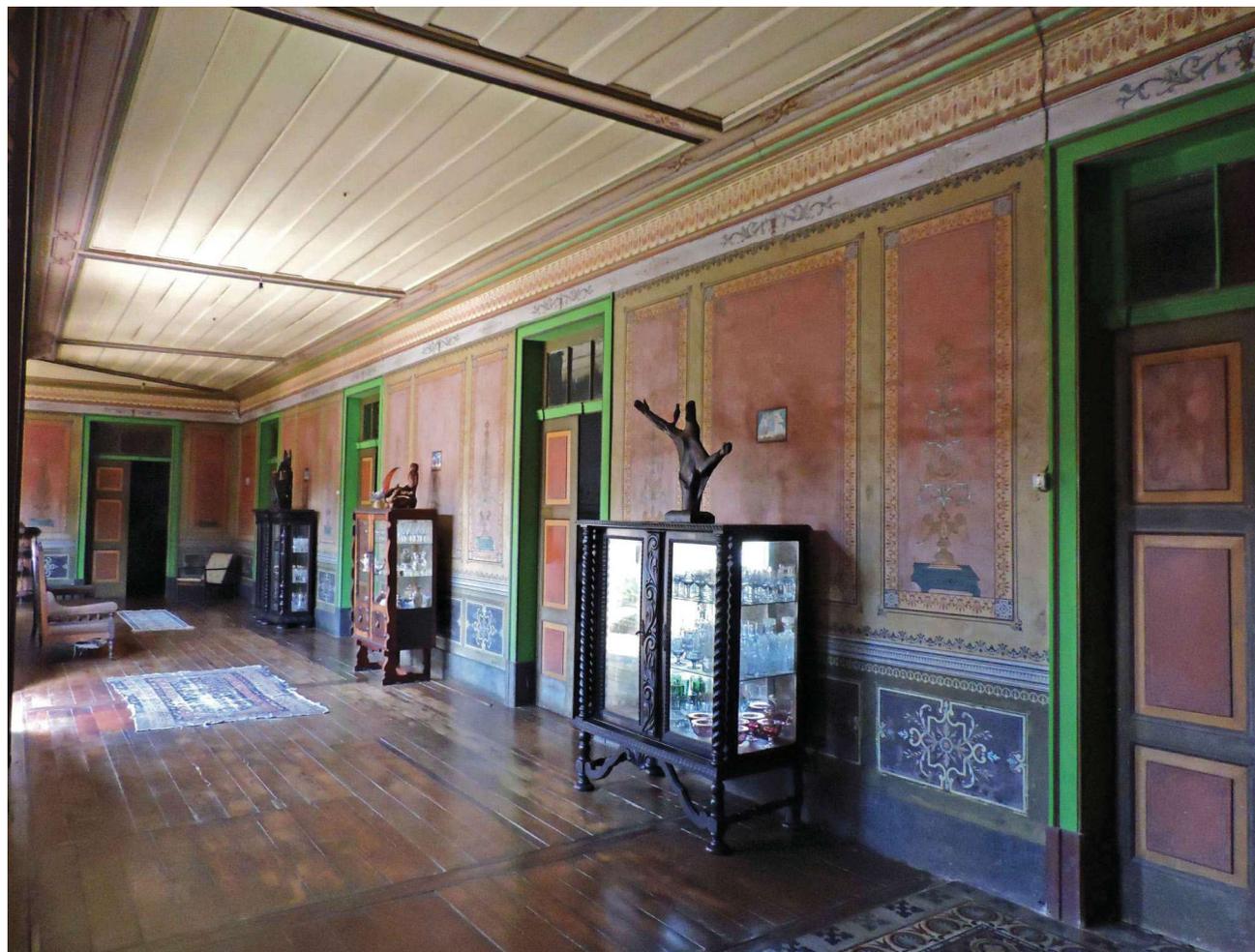


Figura 3 – Pinturas parietais pompeianas presentes na varanda que circunda o pátio central da fazenda Lordello. Fonte: projeto “A Casa Senhorial em Portugal, Brasil e Goa: anatomia dos interiores”.¹¹

¹¹ PESSOA, Ana. *Fazenda Lordello*.

CADERNOS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do
século XIX

Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o
português nas negociações econômicas
na região mineradora, século XVIII

Vinicius Steidle

No que diz respeito às pinturas, os painéis de bandas medianas mais estreitos acomodam motivos de candelabros ornados com arabescos, enquanto os maiores contêm miniaturas centrais representando cenas mitológicas. Essas cenas referem-se a figuras de deuses greco-romanos anteriormente desenhadas com guache por artistas como Michelangelo Maestri (Figura 4).



Figura 4 – Pintura de guache feita por Michelangelo Maestri (à esquerda) e pintura encontrada na Lordello (à direita): ambas retratam Vênus. Fonte: 1stDibs¹² e projeto “A Casa Senhorial em Portugal, Brasil e Goa: anatomia dos interiores”.¹³

O raro testemunho das alterações feitas na Lordello restringe-se atualmente à correspondência trocada por Pedro Paulo Prevot, profissional contratado, e o barão do Paraná,

¹² *Pair of Antique Grand Tour Pompeian Pictures Attributed to Michelangelo Maestri*. Disponível em: <https://www.1stdibs.com/furniture/wall-decorations/paintings/pair-of-antique-grand-tour-pompeian-pictures-attributed-to-michelangelo-maestri/id-f_23754042/>. Acesso em: 1 out. 2021.

¹³ Disponível em: <<https://acasasenhorial.org/acs/index.php/pt/component/cck/352-fazenda-lordello-2>>. Acesso em: 14 set. 2021.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX
Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII
Vinicius Steidle

em 1889. Prevot era cenógrafo e prestava serviços de desenho para pintura de mural, estuque, papéis de parede, marcenaria e douração. Essas cartas foram preservadas pelo acervo da Coleção Leão Teixeira Filho, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Nelas, Prevot e o barão discutem a utilização de oito desenhos pompeianos e mais um presente em um “Tratado pompeiano” guardado na Biblioteca Nacional:

Remeto a V. Ex. 8 desenhos pompeanos que achei entre os desenhos que me confiou, e de entre os mais so achei um apropriado que vai apenas desenhado podendo serem as cores para o mesmo combinadas com as cores dos outros desenhos coloridos, se entre os mesmos não achar V. Ex. o que deseja pesso para ter a bondade de me mandar dizer qual é a combinação pouco mais ou menos que V. Ec deseja para eu fazer os croquis estraido de um tratado Pompeano que existe na Biblioteca Nacional [...].¹⁴

Esse motivo decorativo já havia sido introduzido em Lisboa, em duas destacadas residências de elite, o palacete Pombal, em Queluz¹⁵ e o palácio de Pombeiro,¹⁶ que abrigam exemplares de pinturas com alegorias e cenas mitológicas greco-romanas, cuja descrição colabora para a melhor compreensão do estilo e do significado de sua adoção. A galeria ou sala elíptica do palacete Pombal, em Queluz, apresenta-se como exemplificação qualitativa do gosto

¹⁴ PREVOT, Pedro Paulo. *Correspondência serviços decorativos fazenda Lordelo, 1889*.

¹⁵ Galeria do palacete Pombal em Queluz. Disponível em: <<http://acasasenhorial.org/acs/index.php/pt/casos-de-estudo/casosdeestudo/348-galeria-do-palacete-pombal-em-queluz>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

¹⁶ Sala Arcádia, palácio Pombeiro. Disponível em: <<http://acasasenhorial.org/acs/index.php/pt/casos-de-estudo/casosdeestudo/346-sala-arcadia-palacio-pombeiro>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX
Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII
Vinicius Steidle

neoclássico ao final do século XVIII (Figura 5). As citadas características eruditas atrelam a utilização de um programa decorativo com pinturas de influência pompeiana inglesa com tons suaves e desenhos que ressaltam sua arquitetura. O trabalho foi executado pela equipe do pintor Manuel da Costa,¹⁷ formado na tradicional escola portuguesa de pintores de ornatos pombalinos, que, segundo Cyrillo Wolkmar Machado,¹⁸ foi discípulo de Jean Baptiste Pillement.¹⁹

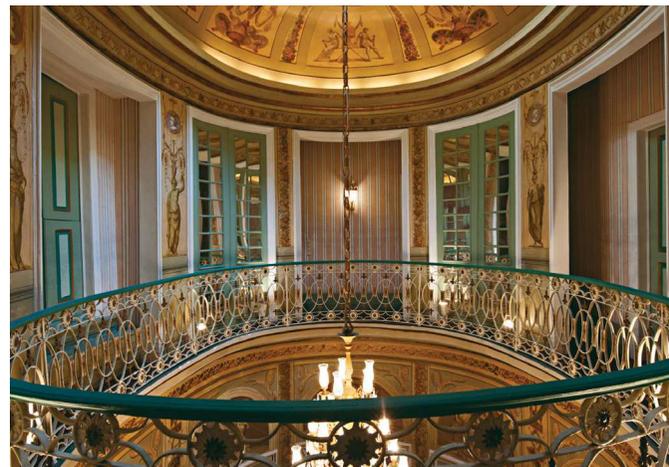


Figura 5 – Galeria no palácio Pombal, em Queluz, com pinturas de Manuel Costa. Fonte: projeto “A Casa Senhorial em Portugal, Brasil e Goa: anatomia dos interiores”.²⁰

¹⁷ Manuel da Costa. Disponível em: <<https://acasasenhorial.org/acs/index.php/pt/artistas/268-manuel-da-costa>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

¹⁸ Cirillo Wolkmar Machado (1748-1823). Disponível em: <<https://acasasenhorial.org/acs/index.php/en/artistas-en/253-cirillo-wolkmar-machado-1748-1823>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

¹⁹ Jean-Baptiste Pillement (1728-1808). Disponível em: <<http://www.acasasenhorial.org/acs/index.php/pt/artistas/260-jean-baptiste-pillement-1728-1808>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

²⁰ Galeria do palacete Pombal em Queluz. Disponível em: <<http://acasasenhorial.org/acs/index.php/pt/casos-de-estudo/casosdeestudo/348-galeria-do-palacete-pombal-em-queluz>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX
Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII
Vinicius Steidle

Nas bandeiras das portas dessa galeria no térreo existem quatro cenas inspiradas na obra de Simon Thomassin, *Recueil des statues, groupes, fontaines, termes, vases et autres magnifiques ornemens du chateau & parc de Versailles*, de 1723. As ombreiras das portas incluem um festão pendente com flores e estandartes com coroa de louros e águia. Já no primeiro piso, existem panos de parede entre portas decoradas com figuras humanas inspiradas na obra de Thomassin representando “Júpiter Trovejante”, “Fauno das uvas” e “Flora de Farnese”. Por fim, a cúpula é decorada em seu interior e dividida em quatro partes com a temática de urnas, incensórios e figuras vestidas à grega. Sua temática pode ser facilmente relacionada ao teto da Sala Pompeiana do palácio dos marqueses de Belas, em Lisboa.

Outro exemplar do estilo pompeiano é a sala Arcádia, localizada no piso nobre do palácio de Pombeiro, datado do século XIX. Seu teto acomoda uma pintura memorável, feita por Cyrillo Volkmar Machado, representando o triunfo das artes, no qual a pintura e a poesia são conduzidas em glória por um carro triunfal puxado por Pégaso, em direção ao palácio de Júpiter. Monarcas europeus participam do cortejo junto de Alexandre, o Grande, e seu cavalo Bucéfalo. Uma ampla sanca decorada com representações da obra *Loggia di Raffaello*, de Giovanni Ottaviani e Giovanni Volpato, foi feita com traço delicado e fino por Cyrillo (Figura 6).

CADERNOS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação

As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX

Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII

Vinicius Steidle



Figura 6 – Sala Arcádia, no palácio de Pombeiro, com pinturas de Cyrillo Wolkmar Machado.

Fonte: projeto “A Casa Senhorial em Portugal, Brasil e Goa: anatomia dos interiores”.²¹

²¹ Sala Arcádia, palácio Pombeiro. Disponível em: <<http://acasasenhorial.org/acs/index.php/pt/casos-de-estudo/casosdeestudo/346-sala-arcadia-palacio-pombeiro>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação

As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX

Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII

Vinicius Steidle

No Brasil, o estilo seria aplicado com perfeição no palácio construído por ordem do português Antônio Clemente Pinto, que viera jovem ao país, em 1807, e construiu uma das maiores fortunas do império. Na região serrana fluminense, ele se iniciou na mineração do ouro e mais tarde partiu para o cultivo de café. Assim como outros senhores do café e de escravos da época, ele prosperou rapidamente nesse ciclo de produtividade. O homem que chegou ao Brasil como português rústico acumulou uma fortuna abundante, sendo dono de 16 fazendas, inúmeros escravos e diversas propriedades na cidade do Rio de Janeiro. Em 1854, um decreto do imperador dom Pedro II o tornou barão de Nova Friburgo, confirmando seu destaque socioeconômico na sociedade da época (Figura 7).²²

Iniciou-se então, em 1858, a construção de sua residência, o atual palácio do Catete ou Museu da República. Consagrado como um dos mais abastados do período imperial brasileiro, o edifício teve seu projeto encomendado ao alemão Carl Friedrich Gustav Waehneltdt, que introduziu referências da arquitetura italiana dos palácios urbanos de Florença ao final do século XVII e dos palácios de Veneza.²³

Por meio da documentação original acerca da construção do palácio, obtida com Isabel Sanson Portella, encontram-se alguns nomes importantes de artistas renomados para participar do projeto, a exemplo do escultor português Quirino Antônio Vieira,²⁴

²² PORTELLA, Isabel Sanson. É uma casa portuguesa com certeza?, p. 231.

²³ Ibid., p. 232.

²⁴ Quirino Antônio Vieira (1824-1876). Disponível em: <<https://acasasensorial.org/acs/index.php/pt/artistas/271-quirino-antonio-vieira-1824-1876>>. Acesso em: 30 jan. 2022.

CADERNOS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX

Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII

Vinicius Steidle

do pintor alemão Emil Bauch e do estucador Bernardino da Costa. Respectivamente, foram responsáveis por confeccionar os ornamentos e a fachada; pelas pinturas decorativas e um enorme quadro dos barões de Nova Friburgo (Figura 7); e pelas portas do térreo. Alguns outros nomes se repetem nas folhas de pagamento, como os dos estuadores Silvestre Ennes Salgado e Francisco Antônio Ennes Salgado (Figuras 8 e 9).²⁵

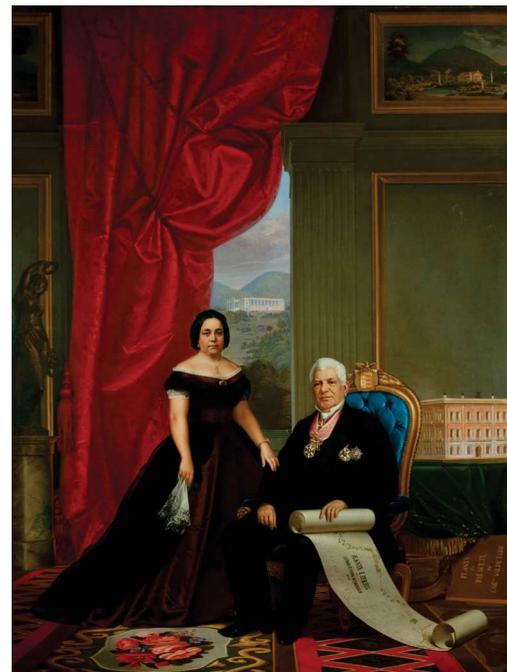


Figura 7 – Retrato dos barões de Nova Friburgo pintado por Emilio Bauch. Fonte: Museu da República.²⁶

²⁵ PESSOA, Ana; SANTOS, Ana Lucia Vieira dos. *Estuadores portugueses no Rio de Janeiro*, p. 4.

²⁶ Barão e baronesa de Nova Friburgo. Disponível em: <<https://museudarepublica.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/11/15-BAR%C3%83O-E-BARONESA-DE-NOVA-FRIBURGO.jpg>>. Acesso em: 31 jan. 2022.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**

Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX

Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII

Vinicius Steidle

PC 185705-13/1602
EX

Rio de Janeiro 20 de Janeiro de 1865

Conta dos materiais e das de oficiais que trabalhão nos estuques do Palácio do Largo Valdetário pertencente ao Exm. Sr. Barão de Nova Friburgo

Silvestre Nunes Salgado

Francisco Antonio Nunes Salgado	12	40000	40000
Marcos g. Bahia	12	30000	30000
João Macieira	12	30000	30000
Bernardino da Costa	14	30000	42000
Antonio Bento g.	12	30000	30000
Bernardino g.	12	30000	30000
João Domingues	12	30000	30000
Antonio Francisco de Sá	10	20000	20000
Bernardino Correa de Sá	12	30000	30000
Antonio Mercier	14	30000	30000
Januario		10000	10000
B		10000	10000
Carreter do mesmo		30000	60000
			<u>533000</u>
			50000
			<u>522000</u>

Recebi o importe desta conta
Rio de Janeiro de 1865
Silvestre Nunes Salgado

Figura 8 – “Conta dos materiais e dos oficiais que trabalhão nos estuques do palácio do largo Valdetário pertencente ao Exm. Sr. Barão de Nova Friburgo”. Fonte: Museu da República.

CADERNOS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX

Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII

Vinicius Steidle

The image shows a handwritten document titled 'Pintores' (Painters) with a list of names and corresponding payment amounts. The document is written in cursive and includes a total sum at the top right. The data is as follows:

Nome	Valor	Total
Pedro Toralcom	5000	55500
Manoel de Azevedo	3500	28800
Juan Carlos Ferraz de	3500	32250
Carlos Weyand	3000	33700
Soltão	3000	33700
Raimundo Ribeiro	3000	4500
Normas Moura	2800	30800
Herfude	2500	27500
Alfredo Ruck	3500	307500

Figura 9 – Folha de pagamento de 9 de dezembro de 1865 com relação de nomes dos pintores que trabalharam naquele mês nas pinturas do palácio do Catete. Fonte: Museu da República.

À semelhança dos palácios florentinos, temos o primeiro pavimento, destinado a serviços gerais e recepções primárias; o segundo, denominado piso nobre, onde aconteciam as festas e está localizado o Salão Pompeiano; e o terceiro, que incluía os dormitórios e salas privativas para uso da família. As pinturas parietais do palácio são ricas em alegorias e representações de mestres italianos, a exemplo de Rafael e Murillo.

Revela-se notável influência neoclássica devido ao recorrente uso de elementos da mitologia greco-romana na decoração de interiores de todo o palácio e em sua fachada.

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX

Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII

Vinicius Steidle

Sob a entrada, temos esculpidas representações dos deuses da mitologia romana Apolo, Diana, Mercúrio e Ceres. O interior dá continuidade à introdução dessas cenas mitológicas passando tanto por elementos arquitetônicos como decorativos presentes em diversas épocas e estilo de influência italiana. Repetem-se reproduções de afrescos e pinturas de inúmeros palácios europeus, especialmente italianos. Além da sala inspirada em Pompeia, há também um salão nobre dedicado a Apolo (Figura 10).²⁷

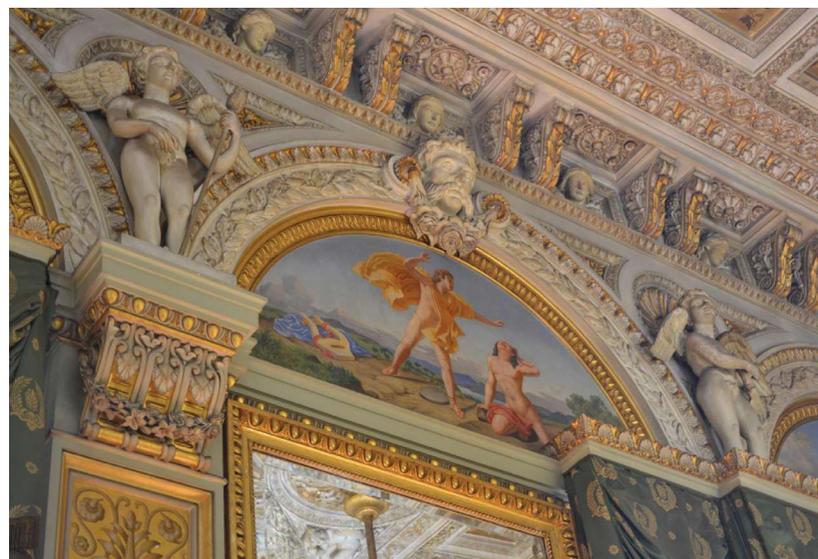


Figura 10 – Painel em arco retratando Apolo em uma das cenas das *Metamorfoses*, de Ovídio. Fonte: acervo pessoal da autora.

Aprofundando na decoração de interiores do Salão Pompeiano, encontra-se a separação clássica em três partes horizontais com divisões verticais marcadas pela alternância entre as

²⁷ PORTELLA, Isabel Sanson. É uma casa portuguesa com certeza?, p. 233.

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do
século XIX

Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o
português nas negociações econômicas
na região mineradora, século XVIII

Vinicius Steidle

doze pilastras (Figura 11). Sua zona superior é separada por uma cornija que complementa os doze capitéis. Essa representação que alterna entre o bidimensional e a profundidade espacial colocam a sala no quarto estilo pompeiano. Na parte superior, encontram-se as arquiteturas ilusionistas que formam um largo friso e na zona central situa-se o colorido do estilo com pintura monocromática em vermelho sem ornamentos. Já os painéis retangulares acima das pilastras têm caráter mais ornamentado, com a presença de figuras aladas sobre pedestais e pequenos troféus com guerreiros e instrumentos musicais.²⁸



Figura 11 – Sala Pompeiana no palácio do Catete. Fonte: acervo pessoal da autora.

²⁸ Palácio do Catete. Disponível em: <<https://acasasenhorial.org/acs/index.php/pt/casas-senhoriais/pesquisa-lista/171-palacio-do-catete>>. Acesso em: 31 jan. 2022.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação

As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX

Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII

Vinicius Steidle

O pintor responsável chamava-se Emil Bauch. Natural de Hamburgo, chegou ao Brasil em 1849 e, após residir um tempo em Recife, fixou-se no Rio de Janeiro por volta de 1852. Além das pinturas parietais, produziu gravuras que foram reproduzidas no álbum *Souvenirs de Pernambuco* e também um grande panorama da cidade do Rio de Janeiro. Foi ainda responsável pelo quadro do marquês do Paraná, em 1856, e, anos depois, pelo da marquesa. Suas conquistas lhe renderam medalha de ouro na Exposição Geral de Belas Artes de 1860 e, em 1874, foi agraciado com a comenda de Cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa, pela Academia Imperial de Belas Artes.²⁹

Em documentação relativa ao período de construção do palácio do Catete, encontra-se o recibo de pagamento para o pintor com sua assinatura para o período concernente a novembro de 1865.

²⁹ PESSOA, Ana; SANTOS, Ana Lucia Vieira dos. *Emil Bauch (1823-c.1890)*.

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do
século XIX

Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o
português nas negociações econômicas
na região mineradora, século XVIII

Vinicius Steidle

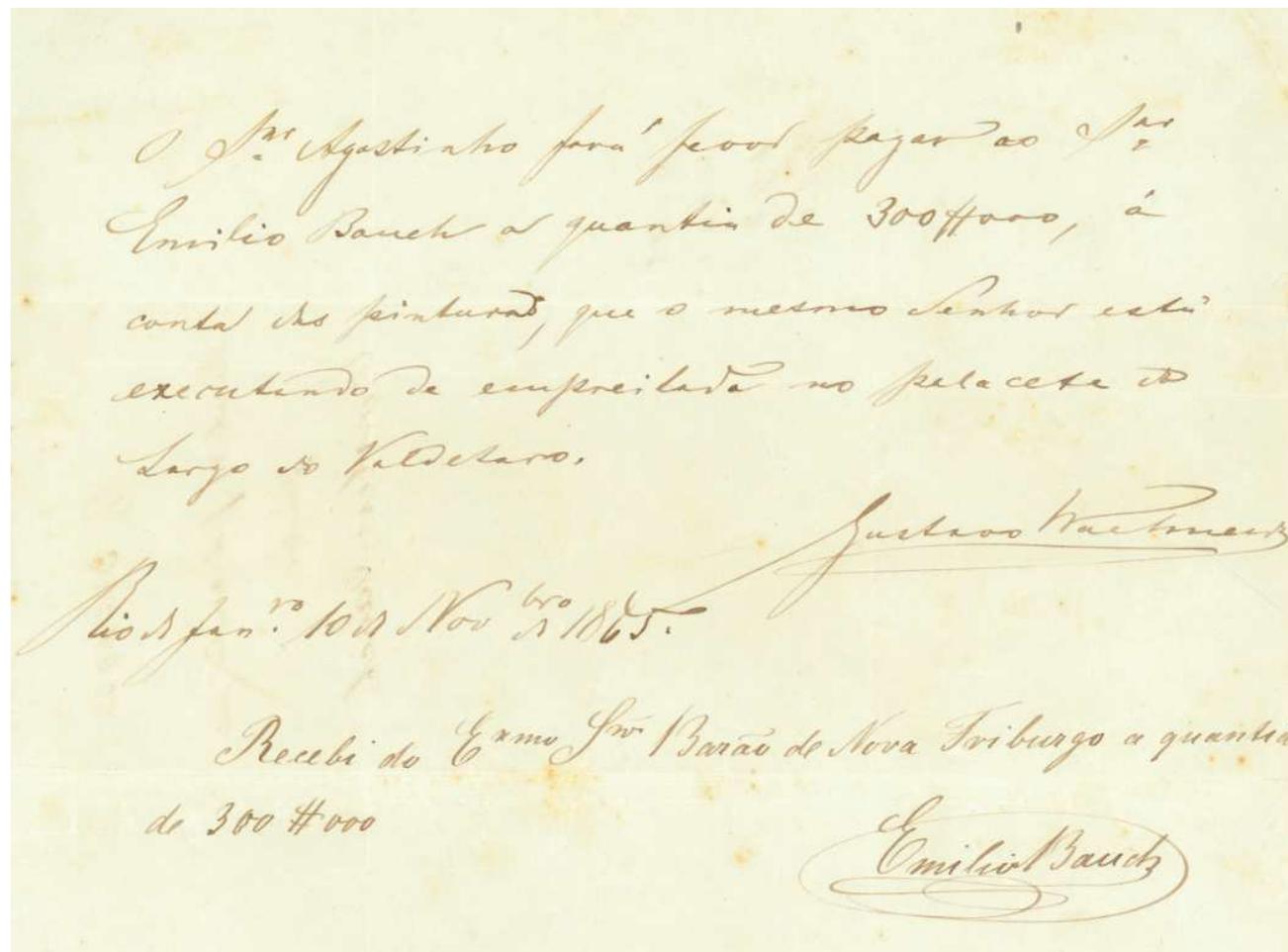


Figura 12 – Recibo de pagamento ao pintor Emilio Bauch em 10 de novembro de 1865.

Fonte: projeto “A Casa Senhorial em Portugal, Brasil e Goa: anatomia dos interiores”.³⁰

³⁰ Recibos das pinturas de Emilio Bauch para palácio do Catete, 1865. Disponível em: <<http://acasasenhorial.org/acs/index.php/en/fontes-documentais-en/documenta-varia-en/716-recibos-a-emilio-bauch-para-palacio-do-catete-1858>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**

Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação

As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX

Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII

Vinicius Steidle

Uma construção tão luxuosa e imponente como o palácio Nova Friburgo/Museu da República representa a materialização das conquistas da família. Assim, o barão posicionou sua morada como uma “Casa dos grandes” no Brasil imperial. A pintura e o estuque em seus interiores compõem uma representação quase que cênica do conceito de luxo da época. Bourdieu associa a arte, a religião e a língua como estruturas para designar uma maneira de agir, operar ou executar determinada atividade. Ele abordará então a forma como essas produções simbólicas atuam como instrumentos de dominação, já que nessa tradição a objetividade do mundo define-se pelo consenso. Logo, num mundo social, contribuem fundamentalmente para a reprodução de determinada ordem.³¹

Para aprofundar-se nas produções simbólicas como instrumentos de dominação, Bourdieu se baseia na lógica marxista que irá privilegiar as funções políticas dos sistemas simbólicos em detrimento da sua estrutura lógica. Tal funcionalismo explica como as produções simbólicas relacionam-se aos interesses das classes dominantes. A cultura dominante poderá, então, contribuir não só para a integração real da classe dominante, mas também assegurar a comunicação entre os membros dessa classe, ao mesmo tempo que a distingue das outras. Assim, a distinção social criará no campo da produção simbólica um microcosmos da luta entre as classes.³²

³¹ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*, p. 8.

³² *Ibid.*, p. 10.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX
Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII
Vinicius Steidle

Conclui-se que um projeto decorativo, combinando pintura e estuque, resulta em algo monumental ao produzir não só o estilo do espaço, como também demonstrar o *status* e a posição social de seus proprietários.³³

Esses agentes, contudo, têm estratégias próprias. Se os marqueses do Paraná estavam preocupados em consolidar a família como uma das mais importantes para o ciclo do café, os barões de Paraná já aproveitavam esse *status* de maneira consolidada, o que, por sua vez, era diferente dos propósitos dos Nova Friburgo.

Por isso, verifica-se a grande diferença entre a austeridade dos marqueses e a ludicidade dos barões, que se manifesta nas paredes internas e na fachada de sua casa de campo, a fazenda Lordello, e o projeto ostentatório dos barões de Nova Friburgo em seu palácio na Corte.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

PESSOA, Ana. *Fazenda Lordello*. Disponível em: <<https://acasasenhorial.org/acs/index.php/pt/component/cck/352-fazenda-lordello-2>>. Acesso em: 14 set. 2021.

³³ TOREM, Ana Claudia de Paula. “Afinidades eletivas”, p. 300.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX

Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII

Vinicius Steidle

_____. Notícias de uma fazenda de café: a fazenda Lordelo e a marquesa de Paraná. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, v. 53, p. 97-119, 2020. Disponível em: <<https://anaismhn.museus.gov.br/index.php/amhn/issue/view/62>>. Acesso em: 27 maio 2021.

PESSOA, Ana; SANTOS, Ana Lucia Vieira dos. *Emil Bauch (1823-c01890)*. Disponível em: <<http://www.acasasenhorial.org/acs/index.php/pt/artistas/255-emil-bauch-1823>>. Acesso em: 20 dez. 2021.

_____. *Estucadores portugueses no Rio de Janeiro*. 2014. Disponível em: <<http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/arquivos/file/artigos/Estucadores%20portugueses%20no%20Rio%20de%20Janeiro.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2021.

_____. *Palacete Barões do Paraná*. Disponível em: <<https://acasasenhorial.org/acs/index.php/pt/component/cck/547-palacete-baroes-de-parana>>. Acesso em: 15 set. 2021.

PESSOA, Ana; SANTOS, Ana Lucia Vieira dos; FASOLATO, Douglas. Sobre decoração, baronesas e pincéis. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL A CASA SENHORIAL: ANATOMIA DE INTERIORES, 6., 2019, Belém. *Caderno de Resumos...* Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2019. p. 16-17. Disponível em: <<http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/arquivos/file/caderno%20resumos.pdf>>. Acesso em: 31 jan. 2022

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX
Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII
Vinicius Steidle

PORTELLA, Isabel Sanson. É uma casa portuguesa com certeza? O programa decorativo do palácio Nova Friburgo. In: VALLE, Arthur; DAZZI, Camila; PORTELLA, Isabel Sanson. *Oitocentos*: tomo III: intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal. 2. ed. Rio de Janeiro: Cefet/RJ, 2014. p. 231-234. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/800/tomo3/index_arquivos/Oitocentos%20Tomo%203.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2022.

_____. *O programa decorativo do Palácio de Nova Friburgo*. 2014. Disponível em: <<https://acasasenhorial.org/acs/index.php/pt/component/cck/57-o-programa-decorativo-do-palacio-nova-friburgo>>. Acesso em: 31 jan. 2022.

PREVOT, Pedro Paulo. Correspondência serviços decorativos Fazenda Lordelo, 1889. Transcrição: Julia Sousa Costa e Louhana Oliveira. Disponível em: <<https://acasasenhorial.org/acs/index.php/pt/component/cck/660-correspondencia-pedro-paulo-prevot-ao-barao-de-parana-sobre-servicos-decorativos-na-fazenda-lordelo-1889>>. Acesso em: 14 set. 2021.

SANTOS, Ana Lúcia Vieira dos. Entre palmeiras e pincéis: Zeferina Carneiro Leão e a Fazenda Lordelo. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, v. 53, p. 120-139, 2020. Disponível em: <<https://anaismhn.museus.gov.br/index.php/amhn/issue/view/62>>. Acesso em: 23 maio 2021.

TOREM, Ana Claudia de Paula. “Afinidades eletivas”: a pintura decorativa e o estuque no Palácio do Catete. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL CASA SENHORIAL: anatomia de interiores, 2., 2016, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2016. Disponível em: <acasasenhorial.org/acs/index.php/pt/artigos?cck=artigos&autor=to-rem&art_title=&search=pesquisa_artigos&task=search>. Acesso em: 25 ago. 2021.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX
Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII
Vinicius Steidle

_____. Do manual à prática: o repertório ornamental do salão de bilhar do palácio Laranjeiras no Rio de Janeiro. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL A CASA SENHORIAL: ANATOMIA DOS INTERIORES, 4., 2017, Pelotas. *Anais...* Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2017. Disponível em: <acasasenhorial.org/acs/index.php/pt/artigos?cck=artigos&autor=torem&art_title=&search=pesquisa_artigos&task=Search>. Acesso em: 25 ago. 2021.

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do
século XIX
Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o
português nas negociações econômicas
na região mineradora, século XVIII
Vinicius Steidle

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII

Vinicius Steidle¹

Introdução

Este trabalho resulta do projeto de pesquisa “História social das línguas africanas: a língua de Angola e a língua mina”, coordenado por Ivana Stolze Lima, e que tem como um de seus documentos centrais a *Obra nova de língua geral de mina*, de Antonio da Costa Peixoto (Ouro Preto, 1731 e 1741).

Minha participação no projeto (2020-2021) teve como objetivo examinar o conteúdo relacionado à intensa vida comercial que marcou a região da exploração do ouro na primeira metade do século XVIII. A metodologia consistiu em análise de documentos, acompanhada da leitura crítica da historiografia sobre a área mineradora e sobre a Costa da Mina,² a fim de entender como os africanos falantes de língua mina (línguas gbe, prin-

¹ Graduado em história na Universidade Federal Fluminense (UFF) em julho de 2021, foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Pibic-CNPq) de março de 2020 a julho de 2021.

² Costa da Mina é o nome que os portugueses atribuíam à região do golfo do Benim, hoje formada pelos países Gana, Togo, Benim e Nigéria. Ver mapa no Anexo 2.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX
Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII
Vinicius Steidle

principalmente o fon) participaram das dinâmicas comerciais, trazendo seu conhecimento e experiência adquiridos nas suas regiões de origem.

Essa participação foi analisada na tradução de palavras, frases e diálogos relativos a comércio, e dos tópicos “Contar” e “Conta do ouro”, da *Obra nova*. Busco entender mais particularmente o termo *aquhé*, traduzido como ouro ou dinheiro no documento em foco, que em fon significa cauri (búzio) ou moeda. Como resultado, obtive uma melhor compreensão do sistema econômico minerador, colaborando com os estudos sobre a resistência africana no período colonial e contribuindo com o debate sobre a participação de africanos no circuito comercial atlântico.

O projeto de pesquisa mencionado, coordenado por Ivana Stolze Lima desde 2016, já se desdobrou em diferentes etapas. Seu resumo é o seguinte:

Com intervalo de menos de meio século, duas obras elaboradas no período colonial dedicaram-se ao registro e descrição de línguas africanas no Brasil. São elas a *Arte da língua de Angola*, publicada em Lisboa em 1697 e, em duas versões no formato de livros manuscritos, *Alguns apontamentos de língua mina*, de 1731 e *Obra nova de língua geral de mina*, de 1741. Tratar em conjunto as duas obras, as suas diferentes formas de elaboração, os seus distintos suportes materiais (impresso, manuscrito), os seus diferentes destinos em termos de circulação e recepção, mostra um leque complexo em relação à experiência da escravidão africana no Brasil, tanto do ponto de vista dos escravos como das políticas senhoriais. A obra de 1697, considerada a primeira gramática de quimbundo, foi elaborada por um

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX

Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII

Vinicius Steidle

jesuíta português que viveu no Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia. [...]. A segunda obra foi elaborada por Antonio da Costa Peixoto, português que viveu em Minas Gerais, um leigo, desconhecido, sem vínculo com as tradições literárias clássicas. Trata-se de um vocabulário ou manual de conversação, sem organização formal rígida, de palavras e frases de línguas do grupo gbe, predominantemente do fon. A versão de 1741, que amplia a primeira, sob a guarda da Biblioteca Pública de Évora, foi impressa por iniciativa de seu bibliotecário, Luís da Silveira, pela Agência Geral das Colônias em 1944, mas logo foi classificada pelos organismos de censura e continuou com circulação limitada. Problematizar os distintos contextos e formas de elaboração, bem como os destinos de circulação dessas obras, provoca e possibilita algumas reflexões sobre a relação entre a escravidão e o domínio linguístico. [...]. É interessante investigar as práticas dialógicas que conduziram os autores das duas obras ao conhecimento das línguas a que se dedicaram e até que ponto podem ser entendidas como formas de políticas linguísticas direcionadas aos africanos escravizados. Por outro lado, é fundamental, para ter uma visão mais ampla, considerar as formas de comunicação travadas pelos africanos, onde se incluem as práticas de comunicação entre africanos e descendentes e os demais grupos da sociedade escravista.³

³ LIMA, Ivana Stolze. *História social das línguas africanas no Brasil*. Esse projeto é a versão simplificada dos projetos “Conhecimento, registro e uso das línguas africanas no Brasil: a língua de Angola e a língua geral de mina”, contemplado com bolsa de Produtividade em Pesquisa 2 (PQ 2-CNPq) de 2016-2019 e “Diálogos em língua mina e português. Antônio da Costa Peixoto e a comunicação africana na *Obra nova de língua geral de mina* (Ouro Preto, 1731 e 1741)”, bolsa PQ2-2019-2022.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX

Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII

Vinicius Steidle

O projeto procura levantar, dentre outras, as seguintes questões gerais para a reflexão dos bolsistas de iniciação científica: como se dava a comunicação entre os africanos e os grupos preexistentes nos territórios americanos? Como se davam as trocas e se reconstruíam os vínculos de comunidade entre os próprios africanos e com os demais grupos, levando em conta que havia diferentes línguas em circulação? Os africanos conseguiam manter suas línguas maternas? Como os africanos aprendiam português?

A partir dessas perguntas, optamos por focalizar a relação entre as questões linguísticas e as relações comerciais, para entender melhor a história social da língua mina no Brasil, mas incluindo algumas considerações sobre a Costa da Mina. Consegui com este trabalho reforçar a hipótese de que uma perspectiva africana pode ser recuperada na *Obra nova de língua geral de mina*. Os temas relacionados ao comércio aparecem na *Obra nova* a partir de frases e diálogos de relações cotidianas de compra e venda, preço, pagamento e crédito (fiado), especialmente nos tópicos: “Conta do ouro” (valores monetários) e “Contar” (numeração de 1 a 40), traduzidos na língua mina e em português. Neste trabalho elegemos como termo-chave *aquhé* – traduzido como dinheiro, ouro –, base para formar os valores de troca vigentes: oitavas de ouro e suas frações, além dos valores em réis. Investigando como esses termos aparecem na obra de Peixoto, percebe-se o conhecimento e experiência comercial desses africanos provenientes da Costa da Mina, bem como o sistema numérico que utilizavam. Para melhor entender esse processo, procurarei investigar o significado de *aquhé* nas atividades comerciais na Costa da Mina.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX
Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII
Vinicius Steidle

O tópico “Conta do ouro” contém os seguintes termos, entre outros: *aquhé* (ouro); *aquhé tumtum* (dinheiro); *aquhé gèrègam* (balança de pesar ouro); *aquhé dupou* (um vintém); *aquhé hóhé* (dois vinténs); *aquhe carê* (uma oitava de ouro). A perspectiva africana, interpretada a partir da noção de que os africanos foram coautores anônimos do documento, vem sendo trabalhada pela coordenadora e por bolsistas anteriores vinculados ao projeto, com alguns trabalhos já publicados.⁴

Durante os anos de graduação, o tráfico atlântico foi um dos temas de que mais me aproximei. O fluxo de mercadorias e pessoas através do Atlântico fomentou não só meu interesse na compreensão dos processos de trânsito, mas também nas consequências de seus movimentos. Busquei sempre identificar as dimensões econômicas do tráfico de pessoas, dando atenção também ao seu impacto na dinâmica social e seus reflexos que reverberam até hoje em nossa sociedade. A escravidão é um dos temas de meu interesse, por isso busquei traçar um olhar interpretativo sobre as atuações das principais vítimas do tráfico de pessoas e sobre como esses agentes buscaram meios de se adaptar à realidade na ordem escravista presente na América portuguesa, reconstruindo vínculos e ligações com seu antigo continente. Essa foi a maior motivação para minha participação nesse projeto.

⁴ Além do artigo da coordenadora e orientadora citado na bibliografia, relatórios de bolsistas anteriores se dedicaram a aprofundar essa hipótese: Rafaela Vasconcelos da Silva, *Máblame hã, não me amarre não: a comunicação e a política de controle da movimentação escrava em Minas Gerais* (2018); Lucas Sampaio Costa Souza, *Quem são os coautores da Obra nova de língua geral de mina: entendendo o conceito de Gbe* (2019); Ana Luíza Guimarães Ribeiro, *Concepções de família e amizade entre falantes de língua mina e de português: uma análise do vocabulário de Antonio da Costa Peixoto (1731-1741)* [2020. Este trabalho foi publicado nos *Cadernos de iniciação científica: trabalhos premiados na 15ª Jornada*]; Ana Luíza Guimarães Ribeiro, *Avodum chomto: tecendo laços com seus irmãos de destino. O conceito de amizade entre falantes de língua mina e de português* (2021).

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX

Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII

Vinicius Steidle

A mineração e os africanos da Costa da Mina

A partir da descoberta do ouro no sertão da América portuguesa, a corrida pela mineração tornou-se um dos eventos mais importantes do período colonial. O desejo do império português por metais preciosos finalmente seria realizado e foi muito intenso o afluxo de pessoas de várias partes do reino. O tráfico de pessoas escravizadas também se ajustou a essa nova demanda, com a intenção de suprir a força de trabalho necessária nas minas, e o desenvolvimento da mineração levou a outras atividades, como a agricultura e comércio.

Diante dessa nova realidade, os povos participantes da diáspora da Costa da Mina ingressaram nas atividades presentes no circuito econômico aurífero. O tráfico de escravizados no século XVIII teve como marca importante a escravização de africanos provenientes da região chamada Costa da Mina, particularmente os dos grupos gbe.⁵ Parte das línguas faladas na região pertence a um complexo linguístico chamado gbe, composto por mais de 50 idiomas relativamente intercompreensíveis. Dessa forma, tais africanos podiam se comunicar na sua experiência nas Américas.

A história da América portuguesa, e posteriormente do Brasil, desde os primeiros anos de colonização, foi marcada por uma pluralidade de línguas em seu território. Além dos africanos, existiam diversos outros povos falantes de diferentes línguas, como os próprios

⁵ Como mostra Carlos Silva Jr., o tráfico de falantes de gbe predominou na Costa da Mina no século XVIII, levando à sua concentração em áreas como Bahia, Minas Gerais, Pernambuco, Rio de Janeiro, além de outras regiões das Américas. SILVA JÚNIOR, Carlos da. A diáspora mina-gbe no mundo Atlântico.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**

Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação

As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX

Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII

Vinicius Steidle

portugueses e os povos originários. Nosso trabalho está atrelado a esse contexto de pluralidade linguística e almeja compreender como se relacionavam esses agentes imersos nas relações comerciais, principalmente os africanos falantes da língua mina, levando em conta a complexidade e as diversas línguas presentes na região.

A economia da área africana denominada Costa da Mina, impactada pela presença dos impérios europeus por meio do tráfico de pessoas escravizadas, marcou-se por sua conexão a um sistema global de comércio. Nesse contexto, a economia local e a transatlântica formavam uma complexa e extensa rede de trocas comerciais, em que uma infinidade de bens provenientes de muitas regiões do globo – como peles, tabaco, pessoas escravizadas, ouro, corantes, tecidos e muitos outros itens – eram movimentados. Os africanos, por serem parte desse sistema, possuíam uma cultura comercial de forte atuação e domínio nos espaços comerciais, cultura que não foi esquecida quando trazidos às Américas.⁶

O comércio e a comunicação em língua mina

O desenvolvimento do comércio se intensificou na área mineradora, marcada pela circulação do ouro. Com a criação de uma rede de trocas comerciais, muitas dessas atividades tiveram participação dos povos vindos da Costa da Mina. Vale a ressalva de que os escravizados não participaram somente da extração mineral, pois eram participantes de uma diversa gama de atividades na colônia.

⁶ Esse tema será desenvolvido no tópico “O conceito de moeda e o sistema numérico na Costa da Mina” deste artigo.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX
Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII
Vinicius Steidle

Estabelecida essa demanda por pessoas para atuarem na capitania mineira, a vinda dos africanos à região exploradora trouxe não só sua força de trabalho, mas todo um complexo repertório cultural que se integrou às dinâmicas presentes em Minas Gerais. A língua falada pelos povos trazidos no tráfico é um desses exemplos e, como dito em nossa introdução, nosso foco de trabalho foi a compreensão das trocas linguísticas no circuito comercial mineiro.

A intenção de trabalhar os contatos comerciais e o modo como a comunicação entre os agentes acontecia desenvolveu-se a partir da análise dos diálogos trazidos por Peixoto na *Obra nova*, em especial o trecho a seguir, que foi nosso ponto de partida:

Name aquhé – Dê-me ouro.

Aquhé nãbi ná nauhe – Quanto hei de dar?

Nãme aquhé carê – Dê-me uma oitava.

Aquhé carê hésú – Uma oitava é muito.

Guigeroi cou sógam name – Dá cá a balança se quiseres minha oitava

Gam matim hã – Não tenho balança

Có huhema name – deite neste papel.⁷

Apesar do diálogo transcrito por Peixoto ser breve, ele apresenta elementos interessantes. Algumas perguntas surgiram a partir das possíveis interpretações dessa tentativa de negociação, e um dos elementos-chave que chama nossa atenção é o

⁷ PEIXOTO, Antônio da Costa. *Obra nova de lingoa geral de mina traduzida ao nosso igdioma*. 1741. Manuscrito, Biblioteca Pública de Évora. Atualizamos a grafia do conteúdo do documento em português.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX
Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII
Vinicius Steidle

ouro sendo solicitado na troca. As questões que surgiram quando nos deparamos com as falas retratadas no documento foram: o que seria uma oitava e qual seu valor? Por que havia necessidade de uma balança em meio à negociação? Na intenção de responder e entender essas questões, buscamos na historiografia trabalhos pertinentes ao padrão monetário existente em Minas Gerais para compreender como ocorria essa circulação. Nessa busca, importantes informações foram encontradas e nos auxiliaram na compreensão tanto do documento quanto do funcionamento da economia mineira.

Na área mineradora, a escassez de moedas em circulação, no contexto do dinamismo econômico da região, exigiu a adoção do ouro em pó,⁸ um caso único permitido apenas no território mineiro.⁹

Identificar o sistema híbrido existente nos levou à compreensão de outros elementos do diálogo. O primeiro foi perceber o porquê da exigência do pagamento em ouro, o que era coerente com o sistema monetário vigente à época. Portanto, se o ouro estava em pó, uma balança também seria mais que necessária em conjunto com a adoção do padrão de pesagem em oitavas para a atribuição de seu respectivo valor em réis. Consultando a bibliografia disponível, nossa pesquisa conseguiu identificar

⁸ CARRARA, Angelo Alves. Amoedação e oferta monetária em Minas Gerais.

⁹ Entretanto, para que o ouro saísse da zona mineradora a Coroa obrigava a cunhagem e a amoedação, colocando o selo real e tributando uma série de impostos (o próprio imposto da amoedação, o quinto, dentre outros).

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX
Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII
Vinicius Steidle

que o valor de uma oitava de ouro estava ligado ao seu grau de pureza, e correspondia a aproximadamente 1.200 réis.¹⁰

A análise do diálogo, alinhada com a produção historiográfica, proporciona a percepção do manejo e conhecimento desses padrões pelos africanos, reiterando como tais agentes estavam imersos e ativos no universo de trocas. Identificar a assimilação dos saberes comerciais feita pelos africanos na ordem escravista permitiu que nossa pesquisa avançasse, buscando novos questionamentos sobre as negociações e sua participação no comércio. Assim, a maior relevância de nossa análise até o momento foi perceber que a integração dos africanos no comércio não estava limitada a uma atuação coadjuvante, pois tinham papel ativo nas relações comerciais.

As casas comerciais e os espaços das vendas

A análise do documento possibilitou observar os espaços de interação em que o idioma mina poderia ocorrer, em um contexto no qual o português era a língua colonial predominante e em expansão. É importante frisar que as negociações comerciais ocorriam a todo momento e em

¹⁰ O padrão adotado pelo império português em 1688 determina que as casas e fundições estabelecessem a pureza do ouro em 22 quilates. Assim, passamos a averiguar qual seria o peso de uma oitava de ouro e, se possível, seu valor referente em réis. Nesse passo, chegamos à informação de que uma oitava equivale ao peso de 3,586 gramas. Para responder à questão de quanto uma oitava de ouro valeria em réis, foi necessário recorrer a um elo que fizesse relação do peso do ouro com o valor em réis. Encontramos essa intersecção dos dois valores pesquisando as moedas que circulavam na região, chegando ao vintém de ouro. Era atribuída a essa moeda o valor de 37,5 réis, baseando esse valor no peso de 0,112 gramas de ouro. Desse modo, estabelecendo a pureza adotado como padrão pelo império e realizando uma simples regra de três, chegamos à conclusão de que uma oitava de ouro era correspondente a 1.200 réis. Para mais, ver: CARRARA, Ângelo Alves. Amoedação e oferta monetária em Minas Gerais.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**

Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação

As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX

Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII

Vinicius Steidle

diversas situações, mas identificar os estabelecimentos comerciais nos auxiliou a ter uma perspectiva mais estruturada dos principais locais de trocas e de como eles funcionariam, levando em conta que havia diferentes línguas entre os habitantes da capitania. Assim, foi necessário interpretar as características dessas casas de comércio que faziam parte do sistema econômico.

Os espaços comerciais obedeciam a uma hierarquização, de modo que, como afirma Alexandra Pereira, as casas comerciais estavam ligadas à capacidade de investimento em Minas Gerais,¹¹ podendo ser divididas em três categorias:

- 1) *Lojas*: detinham a maior quantidade e variedade de produtos e localizavam-se principalmente em locais de maior concentração populacional. Os estabelecimentos pertencentes a essa classificação tinham como proprietários homens brancos economicamente abastados, participantes assíduos da dinâmica econômica – além de donos dos grandes comércios, que também se aventuravam na importação de bens –, mas também incorporavam grande visibilidade na dinâmica social, tendo participação em cargos públicos ligados à administração colonial;
- 2) *Vendas de médio porte*: tinham oferta de produtos variada, mas com capital de investimento irregular, dependendo da sazonalidade, e eram os estabelecimentos comerciais mais numerosos;
- 3) *Vendas de pequeno porte e tabuleiros*: localizados nos centros, mas também em zonas mais afastadas e periferias, tinham capacidade de investimento menor em comparação aos

¹¹ PEREIRA, Alexandra. *Um mercador de Vila Rica*.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**

Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX

Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII

Vinicius Steidle

estabelecimentos citados anteriormente. Além disso, apresentavam a interessante característica de que quanto mais afastadas dos grandes centros, maior era a possibilidade de seus proprietários serem mulheres “pretas forras”, isto é, africanas que haviam sido escravizadas e que conseguiram sua alforria.

Por meio do trabalho de Débora Camilo, conseguimos mais um elemento pertinente à venda como espaços para a ascensão de mulheres africanas atuarem, particularmente as mulheres mina, levando com elas seus idiomas.¹²

Identificar esse movimento é um importante fato que também evidencia o papel não passivo dos povos africanos nessas áreas de atuação e em todo cenário da mineração. Criar alternativas para o acesso ao ouro, que poderiam resultar em ascensão econômica por meio das *vendas*, foi uma oportunidade de atuação que proporcionou a esses agentes o contato direto com a moeda corrente. Entretanto, nada disso seria possível se esses povos não dominassem a compreensão das operações que envolviam conhecimento matemático, experiência comercial, e possibilidade de travar comunicação com pessoas que falavam outras línguas.

A prática do crédito

A complexidade do comércio englobava outras operações que são parte do universo da negociação. Peixoto e os potenciais coautores anônimos, elaboram um diálogo em que é possível ver a prática de venda a crédito.

¹² CAMILO, Débora Cristina. *As donas da rua*.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX
Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII
Vinicius Steidle

- *Uhãchónum*. Ande comprar alguma coisa.
- *Nhimatim aquhédim hã*. Eu não tenho agora ouro.
- *Uháchó acho*. Ande comprar fiado.¹³

A aparição do termo *fiado* no documento fez com que nossa pesquisa buscasse na historiografia informações sobre esse fenômeno. Recorremos mais uma vez aos trabalhos já produzidos e encontramos no artigo de Ivana Stolze Lima¹⁴ elementos que respaldam a existência e oferta de crédito aos participantes das negociações. Ivana identifica que Rita Dias de Araújo, mulher preta forra, dona de *venda* e provavelmente falante do idioma mina, reconheceu – através de uma assinatura em cruz – o débito a um fornecedor referente a uma dívida composta pela aquisição de mercadorias para sua *venda*.

O ato de conceder ou obter crédito, por essa ou inúmeras outras comerciantes africanas, aponta a necessidade de compreensão mútua entre os falantes de português e de língua mina, uma vez que deveria se supor a exatidão dos números e valores em questão. A isso deve-se a relevância do tópico do manuscrito de Peixoto intitulado “Conta do ouro” e os numerais usados pelos mina no tópico “Contar”.

O tópico “Conta do ouro” consiste em uma tabela com os valores atribuídos ao peso do ouro, descritos no idioma mina e sua correspondência em português (ver Anexo 1).

¹³ PEIXOTO, Antônio da Costa. *Obra nova de lingoa geral de mina traduzida ao nosso idioma*.

¹⁴ LIMA, Ivana Stolze. A voz e a cruz de Rita.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX
Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII
Vinicius Steidle

Os valores a serem pagos pelas mercadorias arrematadas compunham uma complexa negociação entre os dois mundos linguísticos. A produção de Peixoto, junto com todo o panorama das *vendas* e da cadeia de crédito, demonstra que as negociações transitavam entre os dois idiomas, e expor que essa realidade existia no contexto comercial é possível quando apresentamos esses elementos que faziam parte do universo de trocas.

O domínio e a compreensão das operações matemáticas também podem ser identificados quando nos referimos à participação tributária dos africanos. O imposto de capitação incidia sobre todos os habitantes de Minas Gerais que exerciam alguma atividade econômica¹⁵ e africanos libertos que estavam inseridos no comércio e em outras atividades precisavam saber quanto pagar ao poder real, sendo necessária uma compreensão mútua das partes tanto para a cobrança, quanto para o pagamento. Saber o quanto pagar efetivamente à Coroa, além de demonstrar um saber sobre suas próprias obrigações quanto à cobrança de impostos, evidencia mais uma vez o conhecimento matemático por parte dos africanos.

Analisando todas essas perspectivas sobre a atuação africana, evidencia-se que a presença desses agentes na localidade não estava resumida ao trabalho físico. A experiência comercial mostrada aqui, alicerçada pelo documento de Peixoto e pela produção historiográfica, permite interpretar que os africanos imersos nesse contexto da mineração possuíam um repertório intelectual para a atuação nas dinâmicas comerciais de Minas Gerais.

¹⁵ PEREIRA, Alexandra. *Um mercador de Vila Rica*.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do
século XIX
Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o
português nas negociações econômicas
na região mineradora, século XVIII
Vinicius Steidle

O conceito de moeda e o sistema numérico na Costa da Mina

A compreensão do sistema econômico mineiro proporcionou expandir nossa pesquisa para as atuações comerciais na outra ponta do Atlântico. Desse modo, nossa intenção passou a ser interpretar a formação econômica das redes de trocas que envolveram a Costa da Mina e o comércio atlântico. Fez-se necessário voltar os olhares para a África, pois muitas questões referentes ao comércio poderiam ser solucionadas por meio de um contraponto entre esses dois lugares de atuação, para entender como se desenvolveu essa cultura comercial que resistiu mesmo na situação de escravização nas Américas. O objetivo principal foi saber o possível significado de *aquhé* na região de origem dos povos gbe escravizados nas Américas. Além disso, buscamos observar se o próprio ouro seria usado como moeda.

O reino do Daomé, um dos mais poderosos da Costa da Mina, que se estruturou com um violento tráfico de homens e mulheres, foi objeto de vários trabalhos que apresentam suas relações econômicas em diferenças significativas quanto à noção que temos hoje sobre a circulação de moedas. Os estudos a respeito do Daomé, e dos reinos aos quais o Daomé voltou sua conquista, como Aladá e Uidá, alinham-se ao concordar que as relações comerciais realizadas pelos seus habitantes utilizavam diversas mercadorias como moeda de troca.¹⁶

A chegada dos impérios europeus, em meados do século XVI, proporcionou uma transformação econômica na região, conectando-a ao sistema atlântico de trocas e

¹⁶ MANNING, Patrick. *Slavery, colonialism, and economic growth in Dahomey, 1640-1960*.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX
Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII
Vinicius Steidle

fazendo com que suas redes comerciais atingissem um novo patamar de intensidade. A demanda europeia e a oferta de novos produtos intensificaram as relações comerciais, impulsionando a captura de novos cativos.¹⁷ Entre os bens trazidos pelos europeus que interessavam aos africanos, podem ser destacados os tecidos provenientes da Ásia, o tabaco baiano e os búzios das Maldivas, sendo esses últimos alguns dos itens mais utilizados como moeda. O historiador Akinjogbin escreve:

Havia uma moeda comum em conchas cauris, a qual, com a existência de um sistema de lagoas, e uma língua em comum, encorajou o comércio de longa distância entre as várias partes da região e mesmo além.¹⁸

O historiador Alberto da Costa Silva, explica que

No Daomé, a concha que servia de moeda era o cauri, sobretudo a espécie *Cypraea moneta*, das Maldivas. [...] Sendo muito reduzido o valor de um cauri, utilizavam-no, depois de perfurado, em enfiadas de 40 unidades [...].¹⁹

Os historiadores consultados não referem que o ouro seria uma moeda utilizada comumente na região.

¹⁷ LAW, Robin et al. *The slave coast of West Africa, 1550-1750*.

¹⁸ Tradução de Ivana Stolze Lima. No original: “*There was a common currency in cowrie shells, which, with the existence of a lagoon system and a common language, encouraged long-distance trading between all parts of the country and perhaps beyond*”. AKINJOGBIN, Isaac Adeagbo. *Dahomey and its neighbours 1708-1818*, p. 18.

¹⁹ SILVA, Alberto da Costa e. A memória histórica sobre os costumes particulares dos povos africanos, com relação privativa ao Reino da Guiné..., p. 291

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX
Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII
Vinicius Steidle

Passamos a procurar a equivalência no fon (uma das línguas gbe) para os objetos usados como moedas. A orientadora, Ivana Stolze Lima, consultou dicionários fon-francês sobre o termo *aquhé*, pois não há dicionários fon-português disponíveis. No dicionário de Delafosse, publicado em 1894, elaborado no bojo do colonialismo francês na região, foi selecionado esse verbete:

Akwe – cauri, pequeno molusco proveniente sobretudo das Ilhas Filipinas e empregado como moeda (é preciso 40 cauris para compor um centavo); por extensão, moeda, dinheiro.²⁰

Em outro dicionário consultado, elaborado recentemente, de Hildegard Höftmann:

Àkwé – dinheiro.²¹

Procuramos também pelo termo ouro, traduzido por outra palavra, *síkà*²² ou *sika*²³. Portanto, o significado de *aquhé* não estaria ligado exatamente ao ouro no contexto de trocas comerciais da Costa da Mina, mas sim aos búzios/cauris. A partir de certa altura, que não podemos definir com precisão por falta de obras de referência, seu significado

²⁰ Tradução de Ivana Stolze Lima. No original: “*Akwe. Caurie ou cowry, petit coquillage provenant des îles Philippines et employé comme monnaie (il faut 40 cauries pour faire un centime); par extension, monnaie, argent*”. DELAFOSSE, Maurice. *Manuel dahoméen*, p. 356.

²¹ Tradução de Ivana Stolze Lima. No original: “*àkwé. N. l'argent [...]*”. HÖFTMANN, Hildegard. *Dictionnaire fon-français*, p. 86.

²² HÖFTMANN, Hildegard. *Dictionnaire fon-français*, p. 342.

²³ DELAFOSSE, Maurice. *Manuel dahoméen*, p. 289.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX
Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII
Vinicius Steidle

passou a ser, por extensão, associado ao conceito de moeda. Como foi dito, a tradução que consta da *Obra nova* para *aquhé* é “ouro ou dinheiro”. Percebemos assim que os africanos da diáspora ressignificaram uma palavra, *aquhé*, que significava, em seu universo cultural, búzios/cauris, um dos principais objetos usados como moeda. Já na diáspora, *aquhé* passou a ser identificado pela moeda então comum, o ouro em pó.

Outra informação relevante que a orientadora conseguiu recuperar na obra de Delafosse é que o sistema numérico fon tomava o número 40 como unidade de referência. No verbete citado, Delafosse, que escreve no contexto do colonialismo francês no Daomé, indicando a coexistência com o sistema monetário francês, afirma que o correspondente para um centavo seriam 40 cauris. Além disso, seria prática agrupar 40 cauris em uma corda.²⁴ No dicionário de Hoftmann, observamos que da palavra equivalente a corda (*kàn*) deriva o termo para 40, *kàndé*, (literalmente, a junção de *kan* e *dé*, numeral 1), indicando o sentido de um cordão.²⁵

Retomando a análise do manuscrito de Antonio da Costa Peixoto

O tópico “Contar” da *Obra nova* é uma tabela que apresenta em ordem crescente os numerais de um a quarenta: *dupou*, um; *hóhê*, dois, *utom*, três... Assim, Peixoto apresenta como os números eram falados em língua mina e sua correspondência em português.

²⁴ DELAFOSSE, Maurice. *Manuel dahoméen*, p. 76.

²⁵ *Ibid.*, p. 251-252.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX
Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII
Vinicius Steidle

Após o número 40 (*carê*), a tabela termina e o autor esclarece que: “Esta é a conta de que usam os negros minas da língua geral, e dela não passam, só se juntam mais 40 de que fazem as suas somas”.²⁶

Ao analisar a tradução feita por Peixoto em conjunto com os estudos sobre a Costa da Mina, foi possível trazer um dos elementos mais ricos que encontramos em nossa pesquisa. Ao interpretar os dois tópicos, percebeu-se o conhecimento matemático trazido na diáspora. Chamou nossa atenção a prática de agrupar os cauris em número de 40, pois, como observamos, Peixoto afirma que a partir de 40 os mina combinariam os números para os valores superiores. Assim surgiu a provável lógica para a adoção dos 40 cauris como unidade de referência.

O termo *aquhé carê* atraiu nossa atenção por ser composto pela junção de *aquhé* e *carê*, significando ouro e 40, respectivamente. A combinação desses termos (*aquhécarê*) é traduzida como uma oitava de ouro. Vimos que a oitava era a unidade corrente de pesagem no padrão monetário do ouro na América portuguesa e equivalia a cerca de 1.200 réis. Assim, foi possível estabelecer a partir do termo *aquhécarê* uma adaptação que derivou da experiência vivida anteriormente em África: houve uma transposição da unidade 40 para a unidade de referência na economia colonial, uma oitava de ouro. Para indicar valor de meia oitava de ouro, o numeral mina utilizado 20 (*cou: aquhécou*) e para um quarto de oitava, usava-se o numeral 10 (*ou*).

²⁶ PEIXOTO, Antônio da Costa. *Obra nova de lingoa geral de mina traduzida ao nosso igdioma*.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX
Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII
Vinicius Steidle

Ainda analisando o tópico “Contar” em conjunto com o trecho “Conta do ouro”, foi possível aprimorar a percepção e o desenvolvimento da construção de alguns termos que faziam parte das negociações. O número 1 na contagem em língua mina é *dupou* e *aquhédupou*, junção *aquhé* (ouro ou dinheiro) com *dupou*, é traduzido na “Conta do ouro” como o valor correspondente a “um vintém”. Em *aquéhohé* a situação é mesma e *aquhé* e *hohé* (numeral 2) é traduzido como dois vinténs.

No momento, não temos informações para conferir se 40 vinténs era de fato o mesmo que uma oitava de ouro, pois não sabemos quanto valia o vintém no contexto específico. Também não conseguimos ainda entender por que o termo *atom* ou *hatom* (numeral 5) era equivalente a 80 réis.

Como se vê no Anexo 1, diversas combinações desses numerais e os valores em circulação foram usadas nas trocas. No entanto, ainda seria necessário aprofundar a pesquisa para entender melhor as equivalências entre o sistema na economia mineradora e as categorias mina, uma vez que no momento não conseguimos informações consistentes sobre os valores das moedas (como as de um vintém e de 80 réis) no sistema monetário específico.

Por fim, a atribuição do termo *aquhé* ao ouro e o desenvolvimento de todas as palavras que fazem parte do contexto comercial usados pelos africanos em Minas Gerais só fazem sentido na lógica dos africanos trazidos ao Novo Mundo porque a *aquhé* é uma palavra correspondente ao “objeto” adotado como moeda de troca na conjuntura em que esses agentes estão inseridos. Desse modo, fundamentamos que *aquhé* não tinha

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX
Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII
Vinicius Steidle

relação com o ouro em si, mas recebeu esse nome (*aquhé*) porque o ouro em pó era a moeda corrente no espaço de mineração a que os africanos foram submetidos, deixando clara a resignificação que *aquhé* sofre em Minas Gerais. Outro elemento foi a transposição do número 40 (*carê*) para a unidade de referência na economia mineira, a oitava de ouro (*aquhé carê*).

Conclusão

A diáspora dos povos intitulados mina provocada pelos portugueses trouxe consigo um vasto repertório intelectual ligado à sua ancestralidade. No presente artigo conseguimos demonstrar elementos que exemplificam como a comunicação entre línguas diferentes (o português e a chamada língua mina) se realizava por meio do comércio. Também explicamos noções do complexo sistema financeiro mineiro, além do domínio matemático dos africanos em operações financeiras, e, por fim, investigamos a resignificação que o termo *aquhé* sofreu no contexto da mineração.

Essas questões puderam ser trabalhadas graças à consistência do documento produzido por Antônio da Costa Peixoto. Assim, fortalecemos a hipótese de que os africanos falantes de mina encontraram na *Obra nova* uma tradução significativa, um instrumento que poderiam utilizar quando necessitassem saber o equivalente em português para os seus valores numéricos. Além disso, constatamos que os falantes de português poderiam acessar as informações convenientes para negociar com os africanos mina.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX
Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII
Vinicius Steidle

Os trabalhos provenientes do projeto “História social das línguas africanas: a língua de Angola e a língua mina” foram de suma importância para a conclusão deste artigo. Nosso tema, porém, tem muito a ser pesquisado, demandando análises mais profundas, que contribuirão para o conhecimento acerca do universo intelectual, pragmático e linguístico dos africanos trazidos para o Brasil.

Por fim, o trabalho contribui com uma nova visão sobre os acontecimentos no circuito de trocas mineiro e contém reflexos de sua conexão com o continente africano, trazendo uma nova perspectiva interpretativa desses acontecimentos e somando-se aos estudos já produzidos sobre a atividade mineradora no período colonial.

Referências bibliográficas

AKINJOGBIN, Isaac Adeagbo. *Dahomey and its neighbours 1708-1818*. Cambridge: Cambridge University Press, 1967.

CAMILO, Débora Cristina. *As donas da rua: comerciantes de ascendência africana em Vila Rica e Mariana (1720-1800)*. Ouro Preto: Editora Ufop, 2015.

CARRARA, Ângelo Alves. Amoedação e oferta monetária em Minas Gerais: as Casas de Fundição e Moeda de Vila Rica. *Varia Historia*, Belo Horizonte: UFMG, v. 26, n. 43, p. 217-239, 2010.

DELAFOSSÉ, Maurice. *Manuel dahoméen: grammaire: chrestomathie: dictionnaire français-dahoméen et dahoméen-français*. Paris: Ernest Leroux, 1894.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX

Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII

Vinicius Steidle

HÖFTMANN, Hildegard. *Dictionnaire fon-français: avec une esquisse grammaticale*. Cologne: Rudiger Koppe, 2003.

LAW, Robin. *The slave coast of West Africa, 1550-1750: the impact of the Atlantic slave trade on an African society*. Oxford: Oxford University Press, 1991.

LIMA, Ivana Stolze. A voz e a cruz de Rita: africanas e comunicação na ordem escravista. *Revista Brasileira de História*, São Paulo: Anpuh, v. 38, n. 79, p. 41-63, 2018.

_____. *História social das línguas africanas no Brasil: a língua de Angola e a língua mina*. Projeto de pesquisa para o Programa de Iniciação Científica da FCRB desenvolvido a partir de 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/casaruibarbosa/pt-br/aceso-a-informacao/licitacoes-contratos-selecoes_publicas/selecoes_publicas/concurso-de-bolsas/pdfs/2021_pic/d-ivana-stolze-hist-social-linguas-africanasbrasil-projeto.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2022.

MANNING, Patrick. *Slavery, colonialism, and economic growth in Dahomey, 1640-1960*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

PEIXOTO, Antônio da Costa. *Alguns apontamentos da lingoa minna com as palavras portuguezas correspondentes*. 1731. Manuscrito, Biblioteca Nacional de Lisboa.

_____. *Obra nova da lingoa geral de mina traduzida ao nosso igdioma*. 1741. Manuscrito, Biblioteca Pública de Évora.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX
Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII
Vinicius Steidle

PEREIRA, Alexandra. *Um mercador de Vila Rica: atividade mercantil na sociedade do ouro (1737-1738)*. Juiz de Fora, 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora.

SILVA, Alberto da Costa e. A memória histórica sobre os costumes particulares dos povos africanos, com relação privativa ao Reino da Guiné, e nele com respeito ao rei do Daomé, de Luís Antonio de Oliveira Mendes. *Afro-Ásia*, Salvador: Ufba, n. 28, p. 253-294, 2002.

SILVA JÚNIOR, Carlos da. A diáspora mina-gbe no mundo Atlântico. In: RODRIGUES, Aldair; LIMA, Ivana Stolze; FARIAS, Juliana Barreto (Org.). *A diáspora mina: africanos entre o golfo do Benim e o Brasil*. Rio de Janeiro: Nau, 2020. p. 21-52.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX

Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII

Vinicius Steidle

Anexo 1

Conta do ouro

Aquhé dupou	1 vintém
Aquhé hóhé	Dois vinténs
Aquhé hatom	Quatro vinténs
Aquhé háhizem	Seis vinténs
Aquhé ou	¼ de oitava de ouro
Aquhé afótom	1/4 de oitava e 80 réis
Aquhé cou	1/2 oitava de ouro
Aquhé cou atom	½ oitava e 80 réis
Aquhé bam	¾ de oitava de ouro
Aquhé bam hatom	¾ de oitava e 80 réis
Aquhé carê	Uma oitava de ouro
Aquhé carê atom	Uma oitava e 80 Reís
Aquhé carê ou	Uma oitava e ¼ de oitava
Aquhé carê afotom	Uma oitava + ¼ de oitava e 80 réis
Aquhé carê cou	Uma oitava e meia (1 8 ^a + ½ 8 ^a)
Aquhé carê bam	Uma oitava + ¾ de oitava (1 8 ^a + ¾ 8 ^a)
Aquhé carê bam atom	Uma oitava + ¾ de oitava e 80 réis
Aquhécauhê	2 oitavas de ouro
Aquhécatom	3 oitavas de ouro
Aquhécanê	4 oitavas de ouro
Aquhé aforé	5 oitavas de ouro
Aquhé aforé carê	6 oitavas de ouro
Aquhé aforé cauhê	7 oitavas de ouro
Aquhé aforé catom	8 oitavas de ouro
Aquhé aforé canê	9 oitavas de ouro
Aquhé afóhe	10 oitavas de ouro

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX

Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII

Vinicius Steidle

Contar

Dupou	1
Hóhê	2
Utom	3
Henê	4
Atom	5
Ahizem	6
Ati hóhê	7
Ati hàtom	8
Ahenê	9
Ouou	10
Ouhou rupou	11
Ouhóhê	12
Ouhutom	13
Ouhenê	14
Afótom	15
Afótom; curupou	16
Afótom cuhóhe	17
Afótom cu hatom	18
Afótom cuhenê	19
Cou	20
Cou cumrupou	21
Coucuhóhê	22
Cou cu hu tom	23
Coucuhénê	24
Cou hàtom	25
Couhatom curupou	26
Couhàtom cuhòhê	27

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX

Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII

Vinicius Steidle

Couhatom cuhàtom	28
Couhàtom cuhénê	29
Bam	30
Bam curupou	31
Bam cuhóhe	32
Bam cuhutom	33
Bamcuhénê	34
Bamhátom	35
Bam atom curupou	36
Bamhátom cuhòhê	37
Bamhátom cuhatom	38
Bam hatom cuhénê	39
Carê	40

CADERNOS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Trabalhos Premiados na 16ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

A pintura pompeiana e a aristocracia do século XIX

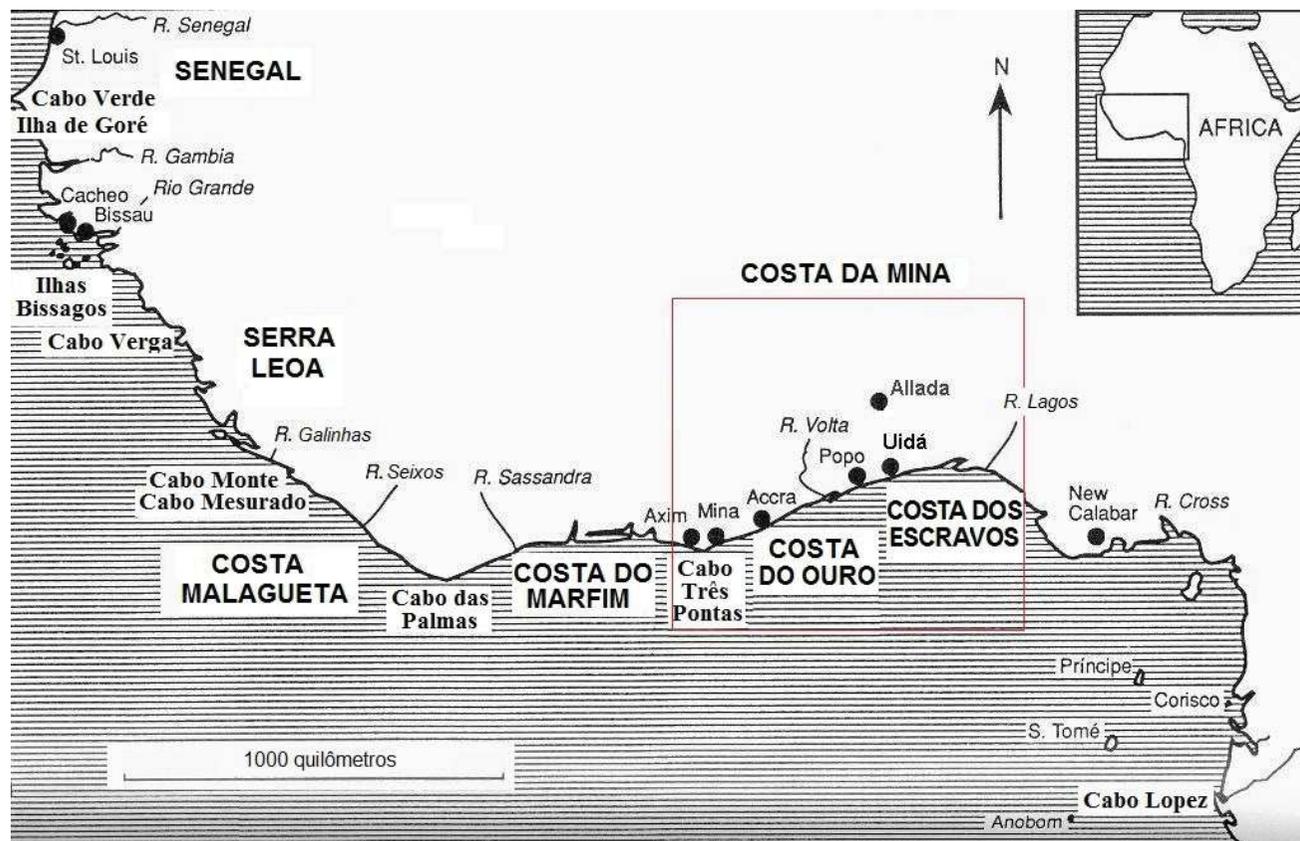
Júlia Sousa Costa

O trato nas vendas: a língua mina e o português nas negociações econômicas na região mineradora, século XVIII

Vinicius Steidle

Anexo 2

Mapa da Costa da Mina



Fonte: Práticas religiosas na Costa da Mina: uma sistematização de fontes europeias pré-coloniais, 1600-1730.²⁷

²⁷ Disponível em: <<http://www.costadamina.ufba.br/index.php?/conteudo/exibir/11>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

**MINISTÉRIO DA
CULTURA**

GOVERNO FEDERAL



UNIÃO E RECONSTRUÇÃO